

D

REPÚBLICA PORTUGUESA

IMPRESA NACIONAL DE LISBOA

RELATÓRIO

DA VISITA À

Escola Afonso Domingues

Igreja da Madre de Deus

e

Asilo Maria Pia

POR

ARMANDO VITORINO RIBEIRO

Aprendiz do 4.º ano da Escola Tipográfica

Publicação autorizada
pela *Ordem de Serviço n.º 65*

VI



LISBOA

IMPRESA NACIONAL

1913



IMPRESA
NACIONAL

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

N.º 80

Est. 3 Sec. 2.ª

Prat. A.º Div. 2.ª Plano 2.º

Reg. de entrada: N.º (19)

1768 1923



EX LIBRIS
DA BIBLIOTECA DA
IMPRENSA
NACIONAL
DE-LISBOA

REPÚBLICA PORTUGUESA

IMPRESA NACIONAL DE LISBOA

RELATÓRIO

DA VISITA À

Escola Afonso Domingues

Igreja da Madre de Deus

e

Asilo Maria Pia

POR

ARMANDO VITORINO RIBEIRO

Aprendiz do 4.º ano da Escola Tipográfica

Publicação autorizada
pela *Ordem de Serviço n.º 65*

VI



LISBOA

IMPRESA NACIONAL

1913

IMPRESA
NACIONAL

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

N I M P R E N S A
N A C I O N A L

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

VISITA
À
ESCOLA AFONSO DOMINGUES
IGREJA DA MADRE DE DEUS
E
ASILO MARIA PIA

Sob a epígrafe *Demonstração de métodos de ensino*, inaugurou, no dia 17 de Março, a Escola Industrial Afonso Domingues, uma Exposição de trabalhos de oficina e desenhos executados neste estabelecimento, que é superiormente dirigido pelo distinto pintor João Vaz. Os aprendizes das Escolas profissionais da Imprensa Nacional realizaram no dia 21 do mesmo mês uma visita a essa interessante Exposição, acompanhados pelos Ex.^{mos} Srs. Gregório Fernandes, director interino das oficinas e armazéns, Carlos Augusto de Carvalho, chefe dos serviços tipográficos e Joaquim David Gomes e Miguel David Gomes, mestre e contramestre da Escola de Composição. Fomos gentilmente recebidos pelo Ex.^{mo} Director da Escola, que nos prodigalizou sempre todos os esclarecimentos indispensáveis à nossa compreensão e ilustração.

Iniciámos a nossa visita pelas aulas da secção de desenho elementar onde se achavam ex-

postos diversos trabalhos referentes à matéria de ensino da mesma secção, matéria que compreende: desenho geométrico rigoroso, elementos gerais de desenho livre e desenho livre com orientação para o que se destina o aluno, que pode ser desenho decorativo, desenho de máquinas ou desenho de construção. Depois de examinarmos estes trabalhos, passámos à secção de desenho decorativo, à entrada da qual se encontra uma estatueta representando a Indústria, um quasi nada semelhante à que se acha no átrio do Ateneu Commercial de Lisboa. A impressão que nos proporcionou esta secção não podia ser mais agradável, pois a perfeição dos trabalhos expostos, o cuidado extremo que presidiu à sua execução e acabamento, a par da sua grande e incontestável beleza artística, deixaram belamente enlevados todos os visitantes, que se não cansaram de admirar todos os estudos. Esta secção está imediatamente sob a gerência do director João Vaz e compreende: cópia do gesso (estudo do claro-escuro); cópia de plantas naturais; modelação em plasticina e cera feita sobre pequenas ardósias; modelação em gesso e elementos de composição e estilização.

De todos estes trabalhos sobressai um vaso ornamental de grandes dimensões modelado em gesso, ornamentado de muitas folhagens que o envolvem quasi por completo. Este trabalho foi executado por um aluno, que, informa o illustre director João Vaz, apenas recebeu do respectivo professor um simples *croquis* para o desenvolver praticamente. Destaca-se também uma linda coroa de louros, feita a *crayon*, que nos pareceu

dum acabamento e perfeição dignos de registo. Em seguida ao admirarmos os trabalhos da secção de desenho decorativo, passámos a examinar os da secção de desenho de construção architectónica, belos trabalhos de exercícios de letras de tracejados; *croquis* cotados em conjunto e detalhe; desenho rigoroso à escala; projecções octogonais, que vão até a intersecção de superfícies planas com superfícies curvas; penetrações, secções planas e planificações; projecções oblíquas; perspectiva cavalheira, militar e axonométrica e suas respectivas aplicações; perspectiva rigorosa; plantas, cortes e detalhes de construção; elementos de estereotomia e suas aplicações à madeira e à pedra. Acabam nesta secção os estudos em desenhos.

Sempre guiados pelo Sr. João Vaz, dirigimo-nos depois às oficinas, onde se ensina a matéria que corresponde aos últimos anos dos cursos da Escola, e onde porventura melhor se observa a eficácia do excelente método de ensino ali adoptado que leva o aluno, que ali dá entrada sem sequer saber dar um traço, a, no fim de cinco anos, ser um hábil artista. A primeira oficina a percorrer foi a da pintura decorativa, onde se admiram trabalhos que compreendem exercícios elementares a óleo e têmpera; fragmentos de ornatos (cópia de estampa), a óleo e têmpera; estudo de plantas naturais, a óleo e têmpera; elementos de composição, a óleo e têmpera; pintura de letras e cópia de estampas de motivos de paisagem decorativa. De entre todos os trabalhos aqui expostos sobressai uma linda guarnição de malvasias. Esta secção tem produ-

zido verdadeiros artistas que muito honram a indústria nacional. Uma prova bem cabal e que afirma claramente o que dizemos está na elegante e faustosa ornamentação decorativa do luxuoso Café Martinho, de Lisboa, toda executada por antigos alunos da Escola Industrial Afonso Domingues.

Sempre amavelmente dirigidos pelo Sr. João Vaz passámos à oficina de serralharia, cujos objectos expostos são exercícios de lima, de furação e cravação ; exercícios de forja e de tórno ; peças de ferramentas e ajustamentos ; várias pequenas máquinas e aparelhos, e elementos de decoração em ferro forjado. Nestes trabalhos, dignos de toda a atenção, sobressaem um elegante portão de ferro, estilo arte-nova, vários suportes para estantes, argolas, e um *balancé*, com o qual, nos pareceu ouvir dizer, a Escola Industrial Afonso Domingues concorrerá à Exposição Nacional das Artes Gráficas (Lisboa, 1913), por representar, como acidentalmente ouvimos ao Sr. Gregório Fernandes, a indústria nacional na sua maior pureza. É esta talvez a secção mais importante da Escola, pela elevada concorrência de alunos que a frequenta.

Depois de minuciosamente examinarmos e admirarmos os variadíssimos objectos aqui expostos, passámos à oficina de carpintaria e construção de máquinas, cuja matéria de ensino compreende : exercícios de entalhes simples, vulgarmente chamados ligações ; exercícios de malhetes, de respigas simples e respigas compostas ; exercícios de tórno ; construção de peças de ferramenta ; elementos de carpintaria civil

e de moldes ; exemplos de mobiliário escolar e peças simples de marcenaria. Os objectos aqui expostos são todos relativos à matéria que se ensina, sobressaindo de entre êles uns esqueletos de prédios em miniatura. Por fim visitámos a oficina de labores femininos, que é freqüentada actualmente por vinte alunas e cujo ensino prático compreende trabalhos de ponto cruzado ; diferentes pontos de fantasia ; trabalhos com minardice ; bordados a tule e a lã ; bordados a branco com ponto inglês, Richelieu e cheio ; renda inglesa e bordados a matiz.

Nota final. Segundo uma curiosa tabela que tivemos ocasião de observar, tem sido verdadeiramente extraordinário o desenvolvimento da freqüência escolar. Assim, tendo aquella Escola sido criada em 1884 com 63 alunos, estes attingem hoje, 1913, a bonita soma de 471. Ê especialmente nestes últimos três anos que êste desenvolvimento se tem acentuado mais. Saímos profunda e agradavelmente impressionados, e esta bela impressão foi patenteada, em nome de todos nós, pelo Sr. Gregório Fernandes ao Sr. João Vaz, justamente com os merecidos agradecimentos pela maneira afável e primorosa como êste ilustre artista nos recebeu e guiou na visita à bem organizada Exposição de trabalhos desta modelar Escola Industrial, sem dúvida uma das mais importantes e melhor dirigidas que possuímos, e que sobremodo honra o ensino industrial português.

Em seguida, obtida a devida permissão, fomos visitar a Igreja do extinto Convento da Madre

de Deus, acompanhados agora também pelo Ex.^{mo} Sr. Luís Derouet, Administrador Geral da Imprensa Nacional, que momentos antes havia chegado. Serviu-nos de guia nesta visita um empregado do Asilo Maria Pia, que se fez acompanhar de dois antigos alunos do mesmo Asilo actualmente freqüentando o liceu, os quais muito nos elucidaram nesta interessante parte das nossas observações do dia 21.

A actual magnífica entrada principal da igreja esteve entaipada bastantes anos. Procedendo-se a umas obras de reparação do edificio, por conta do Ministério das Obras Públicas, descobriu-se e em muito bom estado de conservação. O architecto encarregado de dirigir essas obras teve a feliz idea de aproveitar o primitivo portal para substituir a então porta principal da igreja; e, fazendo-o arrancar com todo o cuidado, colocou-o no lugar em que hoje se vê e admira. Ao Mosteiro da Madre de Deus, hoje occupado pelo Asilo Maria Pia, pertenceu, entre outras preciosidades, o célebre *Livro de Horas de D. Leonor*, que se guardou durante muitos anos na Imprensa Nacional¹.

A igreja, embora pequena, é muito bonita e riquíssima em obra de talha óptimamente dourada. Dificilmente se encontrará outra em Lisboa, e mesmo em Portugal, que se lhe possa se-

¹ Este interessante livro está hoje na posse da Biblioteca Nacional de Lisboa, mas a actual administração da Imprensa empenhará esforços por que elle aqui volte a ser guardado. Ponto é que a biblioteca da Imprensa Nacional de Lisboa esteja concluída.

quer comparar não só em beleza artística como no ótimo estado de conservação em que se encontra essa magnífica obra de talha. O altar-mor é de mármore, ficando na sua retaguarda o retábulo e o sacrário, tudo de boa talha dourada. Está separado do corpo da igreja por um gradeamento de excelente madeira, muito bem torneada, e a cujas extremidades se acham duas colunas de mármore de diferentes cores dispostos em bonitos mosaicos. Estas colunas são muito semelhantes àquelas que se acham nas capelas laterais da igreja de S. Roque. No corpo da igreja há dois altares também de rica talha dourada e desprovidos, bem como o altar-mor, de todos os objectos do culto. Nestes altares e nas paredes do templo vêem-se diversos quadros a óleo, que nos disseram ser muito apreciados pelos entendedores. As paredes são também revestidas de belos azulejos com mais de três metros de altura. O guarda-vento é de bom desenho e excelente madeira, e está bem em harmonia com o grande esplendor de toda a igreja. O púlpito é também magnificante e digno de figurar entre as preciosidades artísticas da igreja.

Depois de examinarmos atenta e demoradamente todo o templo, passámos, por uma porta colocada à esquerda do altar-mor, para a sacristia, igualmente de grande esplendor. Ao fundo vê-se um custoso arcaz de pau santo, guarnecido de belos gavetões, a que uma bem moldada espelhoria de bronze dourado e elegantes argolas do mesmo metal dão o mais opulento realce. A parte inferior das paredes é

toda revestida de azulejos de ricas e variadas côres, duma bela combinação. O pavimento é de formoso xadrez e ao centro encontra-se uma mesa de mármore, cujo taboleiro é formado por uma só pedra. Sôbre o arcaz e pelas paredes vêem-se quadros também de grande valor.

Em seguida passámos ao côro, que é, como todas as dependências da Madre de Deus, extremamente notável. É tudo quanto de mais artístico se pode imaginar. Toda a casa é riquíssima da mais caprichosa e elegante talha dourada e nas paredes há quadros de muito valor artístico. Completa a casa um precioso relicário formado por vinte e dois nichos onde se acham pequenas e diversas relíquias, entre as quais um S. Benedito, que parece teve a infelicidade de nascer preto. Este relicário é feito de boa talha dourada, tendo por baixo duas ordens de cadeiras de carvalho do norte, que não dizem muito bem com a magnificência do côro. As cadeiras que circundam os coros das igrejas das Mercês e dos Paulistas e sobretudo dos Jerónimos são incomparavelmente superiores. Todavia nota-se nelas a astúcia fradesca: as cadeiras, quando fechadas, mostram na parte superior um rebordo que permite a qualquer estar comodamente sentado quando as aparências indicam uma posição muito diferente—de pé.

No côro encontra-se também o grande e célebre quadro, representando, segundo ouvimos, o panorama da histórica cidade de Jerusalém. É tradição que a rainha D. Leonor, mulher de D. João II, se fez retratar nesta tela, ajoelhada em frente duma estante e vestindo o hábito de

Santa Clara. Com efeito, na parte inferior do quadro, à esquerda, encontra-se pintada uma religiosa nessas condições. O efeito estético do quadro é muito prejudicado com os reflexos de luz duma janela que lhe fica quasi fronteira. Colocado provisoriamente sôbre uma das cadeiras que circundam o côro encontra-se um pequeno quadro, restaurado em parte pelo professor da Escola Industrial Afonso Domingues, Sr. João Elói Ferreira Amaral.

Visitámos depois os claustros, a casa do Capítulo, onde jaz em campa rasa D. Leonor, e uma espécie de arrecadação onde se arrumam actualmente várias imagens, sendo algumas trabalhadas em madeira e de grande valor artístico. Tudo quanto deixamos dito é muito pouco atendendo à importância da igreja e seus anexos. Contudo julgamos ter dito o suficiente para que se possa fazer uma pequena idea do valor inestimável da Igreja da Madre de Deus, justamente considerada um dos monumentos nacionais mais dignos de tal qualificação.

A impressão que colhemos com esta visita não podia ser mais agradável ao nosso espírito.

Depois de visitarmos a Igreja da Madre de Deus, percorremos o Asilo Maria Pia acompanhados pelo seu director, o Ex.^{mo} Sr. Dr. Santiago Perez Ponce y Sanchez, que se nos aggregara momentos antes na dita Igreja da Madre de Deus. Penetrámos nos vastos dormitórios, nas diferentes aulas, nas bem montadas oficinas de carpintaria, alfaiataria e sapataria, nas salas

de jantar, na cozinha, arrecadações, lavatórios, etc. Tudo isto se encontra e se admira na melhor ordem possível e com grande e escrupuloso asseio.

Lisboa, 29 de Março de 1913.

Armando Vitorino Ribeiro.



Composto na máquina *Linotype*

RELATÓRIOS JÁ PUBLICADOS

- I—*Visita à Casa da Moeda*, por Armando Vitorino Ribeiro, aprendiz da Escola Tipográfica.
- II—*Visita ao jornal «O Século»*, por Henrique Fernando de Oliveira Correia, aprendiz da Escola Tipográfica.
- III—*Visita à Biblioteca Nacional*, por Armando Vitorino Ribeiro, aprendiz da Escola Tipográfica.
- IV—*Visita ao Laboratório de química da Faculdade de Ciências de Lisboa*, por Henrique Fernando de Oliveira Correia, aprendiz da Escola Tipográfica.
- V—*Visita à Litografia Portugal*, por José Luís das Neves, aprendiz da Oficina Litográfica.



N I M P R E N S A
N A C I O N A L

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO